

# A PAIXÃO PELA PALAVRA NO TEXTO LITERÁRIO<sup>1</sup>

Ivanete Teresinha Bernardo Fernandes<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo explicitar uma prática de leitura em sala de aula no Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias. Desde o início do Projeto a leitura para fruição foi o foco de nosso trabalho, não só porque contribui na formação do leitor criativo e autônomo, mas também, porque os horizontes propostos pela literatura são ilimitados e suas interpretações, dada a natureza polissêmica da palavra literária, infinitas.

“O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado”.

Mário Quintana

É consenso entre educadores que a prática da leitura é um desafio para todos os professores. Os caminhos que a escola tem percorrido na formação de leitores desde muito vêm sendo questionados. Quando a escola ainda se perguntava qual seu papel na sociedade da cultura impressa, surpreendemo-nos em meio à explosão das tecnologias. Com a cibercultura surgiram

novas inquietações, novas angústias e a reflexão sobre antigos problemas: como desenvolver o gosto pela leitura?

O mundo informatizado tem mostrado que a consciência humana só existe integrada, que o aprendizado individual apenas se dá quando os sujeitos podem interagir entre si, em uma virtualidade que subjaz a todo ato comunicativo. Aí vemos a importância de a escola contribuir nessa construção e oportunizar espaços e momentos para o desenvolvimento da prática da leitura.

O objetivo geral desse projeto é desenvolver uma prática pedagógica que motive os alunos ao hábito de leitura, que proporcione momentos agradáveis de leitura e também provoque o gosto pela diversidade textual.

Normalmente a escola repassa a tarefa de ler para os estudantes. Muitas pesquisas têm mostrado que um número significativo de professores e de bibliotecários não são leitores. Como podemos afirmar que a leitura é algo importante se não realizamos essa ação. Considerando que é preciso investir nessa prática, o professor

1 Projeto iniciado em 2005 no Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias.

2 Professora Ma. – Literatura/UPF.

deve também ler junto com seus alunos.

É fundamental a participação do professor nessa tarefa. À medida que os alunos vão percebendo o interesse e a permanência nesse ato vão naturalmente adquirindo o hábito e o gosto pela leitura. Também é importante que o professor relate suas experiências de leitura, pois isso motiva muito os estudantes.

O primeiro passo para solucionar os problemas relacionados à inexistência de interesse para a leitura é a sedução, tornando a atividade de leitura o mais atraente possível. O professor poderá se utilizar de diversas situações, porém só estará formando o leitor:

Quando se ensina o aluno a perceber esse objeto que é o texto em toda sua beleza e complexidade, isto é, como ele está estruturado, como ele produz sentidos, quantos significados podem ser aí sucessivamente revelados, ou seja, somente quando são mostrados ao aluno modos de se envolver com esse objeto, mobilizando os seus saberes, memórias, sentimentos para, assim compreendê-lo, há ensino de leitura. O papel da escola nesse processo é o de fornecer um conjunto de instrumentos e de estratégias para o aluno realizar esse trabalho de forma progressivamente autônoma. (KLEIMAN, 2002, p.26)

O professor deve por um lado, ser um incentivador da leitura, ou seja, um modelo de leitor apaixonado pelo livro, e por outro lado, um mediador das atividades de compreensão do texto. Essa postura é rara. Porém, a integração das duas posições vem complementar a formação do leitor.

### 1. Vão surgindo as práticas...

Na prática, sou professora de Língua Portuguesa e não queria atrelar as leituras a um esquema de fichas, cobranças e provas sobre os livros lidos. O meu objetivo era simplesmente que lessem por prazer.

A leitura é um ato solitário, depende da vontade de um eu e de sua capacidade de posicionar-se diante do discurso do

outro. Mas, se ela ocorre na escola, o professor pode atuar como um mediador, comentando aspectos da organização do discurso e transmitindo informações que possam auxiliar o aluno a enveredar por esse intrincado mundo de letras. (MICHELETTI, 2002, p. 17)

No ensino médio, muitas vezes, o ensino da língua se reduz quase que totalmente à gramática, tratada de forma estanque, com regras a decorar e exercícios de aplicação dessa regras, sem relação com a prática da leitura e da escrita. Por sua vez, o ensino de literatura se limita, na maioria das vezes, a traçar panoramas de tendências e escolas literárias. Por isso, acreditamos que é necessário que repensemos as nossas práticas.

A escola deveria trabalhar com diversos tipos de textos. Mas longe de querer estabelecer uma tipologia de vivências de leituras, gostaria de recuperar da nossa experiência concreta de leitores as seguintes possíveis posturas ante o texto: busca de informação, estudo do texto, pretexto e fruição do texto. Então, diante de qualquer texto, qualquer uma dessas relações com o texto/autor é possível.

Não pretendo esmiuçar essas posturas que podemos ter diante do texto, apenas quero fortalecer a fruição do texto. No ambiente escolar, que muitas vezes é repassado o modelo capitalista, estão excluídos a fruição e o prazer. Lemos para preencher fichas, fazer uma prova ou para se ver livre de uma recuperação. Além disso, muitos professores para ter a garantia da leitura, estabelecem uma avaliação quantitativa da atividade.

Com essa proposta – leitura por prazer – pretendendo recuperar uma forma de interlocução praticamente ausente das aulas de língua portuguesa: o ler por ler, gratuitamente. Não que isso não traga resultados, mas o que define esse tipo de interlocução é o desinteresse de resultado.

Segundo Geraldi (2012), devemos recuperar na escola o que dela excluímos por princípio – o prazer – para o autor esse é o ponto básico para o sucesso de qual-

quer esforço honesto de incentivo à leitura. Ele afirma ainda que nossa história de leitores não começou com monumentos literários. Cada leitor tem seu próprio caminho. Devemos respeitar os passos e a caminhada do aluno como leitor.

Outro aspecto importante é que devemos criar um circuito entre os alunos, deixando-os ler livremente, por indicação de colegas, pela curiosidade, pela capa, pelo título, etc. No espaço da sala de aula e da biblioteca podemos criar esse circuito, porque talvez nós professores não sejamos os melhores informantes para nossos alunos.

Enquanto professores devemos propiciar um maior número possível de leituras, mas não podemos esquecer que a qualidade (profundidade?) do mergulho de um leitor num texto depende de seus mergulhos anteriores. Na prática se observa que alunos iniciantes preferem ler livros de estrutura mais simples; escolhem pelo tamanho das letras, pelo número de páginas, etc.

A preocupação com a avaliação das leituras é um aspecto que está muito mais relacionado com o controle do aluno do que com de avaliação de um processo. Então a questão da leitura como um prazer exige que se repense a avaliação não como controle de produtos, mas como uma revisão do processo.

### 2. O prazer de ler... considerações finais.

No exercício da docência em Língua Portuguesa, senti a necessidade de propor aos meus alunos leituras que estimulassem a sensibilidade estética, a emoção, o sentimento, ou seja, a leitura como fruição, como deleite. Essa prática é desenvolvida semanalmente nas turmas de 1.0 e 3.0 anos do Ensino Médio Politécnico com duração de 50 minutos. Desde o início, essa experiência foi muito positiva. Os alunos demonstraram muito interesse nos livros e mantém a regularidade da leitura.

A troca de ideias sobre os livros lidos com os colegas e o professor acontece em momentos posteriores. A escolha do livro

é livre, porém, às vezes, é necessária a orientação do professor a respeito do livro escolhido – para facilitar a leitura. Nesse sentido, é importante ressaltar, que o professor é o elemento mediador para o sucesso da experiência leitora.

Do hábito de leitura dependem outros elos no processo de educação. Sem ler, o aluno não sabe pesquisar, resumir, resgatar a idéia principal do texto, analisar, criticar, julgar, posicionar-se. Por isso, temos a certeza de que essa atividade contribui no desenvolvimento geral da aprendizagem dos nossos alunos.

Não temos como dissociar a prática da leitura da função educativa do professor. É necessário, antes de sermos educadores da leitura, sermos leitores. Só assim podemos falar com convicção e verdade daquilo que consideramos importante para os estudantes. Sabemos que muitos professores não são leitores. Como poderão ensinar a ler se ainda não descobriram o prazer de ler.

O professor, que ama a leitura, transmite na sua postura o gosto e o prazer que a leitura pode trazer. É nisso que está o diferencial. O aluno é humano, precisa do exemplo humano. À medida que humanizamos a escola e formos o exemplo em todas as situações de vida, o estudante também o será. Assim é também com a leitura.

### REFERÊNCIAS

GERALDI, J. W. (org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Anglo, 2012.

KLEIMAN, A. B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor. In Rösing, T & BECKER P. Leitura e animação cultural – repensando a escola e a biblioteca. Passo Fundo: UPF, 2002

MICHELETTI, Guaraciaba. Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção. 3.ed. – São Paulo: Cortez, 2002.